

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
O CENTENÁRIO DO DORIS DAY
5 E 7 DE SETEMBRO DE 2022

PILLOW TALK/ 1959

Conversa de Travesseiro

Um filme de Michael Gordon

Realização: Michael Gordon/ **Argumento:** Stanley Shapiro e Maurice Richlin, segundo uma história de Russell Rouse e Clarence Greene/ **Fotografia:** Arthur E. Arling/ **Direcção Artística:** Richard H. Riedel/ **Montagem:** Milton Carruth/ **Música:** Frank De Vol/ **Intérpretes:** Rock Hudson (Brad Allen/«Rex Stetson»), Doris Day (Jan Morrow), Tony Randall (Jonathan Forbes), Thelma Ritter (alma), Nick Adams (Tony Walters), Julia Meade (Marie), Allen Jenkins (Harry), Marcel Dalio (Pierot), Lee Patrick (Mrs. Walters), Mary McCarty (enfermeira Resnick), Alex Gerry (Dr. Maxwell), etc.

Produção: Ross Hunter, Martin Mlecher, para a Universal-International/ **Cópia:** em DCP, CinemaScope, colorida, versão original legendada eletronicamente em português/ **Duração:** 102 minutos/ **Estreia Mundial:** Nova Iorque, em 6 de Outubro de 1959/ **Estreia em Portugal:** cinemas Éden e Roma, em 21 de Outubro de 1960.

Na história do cinema, **Pillow Talk** ocupa um lugar especial. Não que se trate de uma obra-prima, mas não se lhe podem negar qualidades e alguma imaginação em situações e diálogos. O interesse do filme reside, por um lado, na forma como tentou recuperar o espírito da comédia *screwball* ou sofisticada dos anos 30, e por outro, no par romântico que se tornou, graças a ele, num fenómeno de popularidade. Se no primeiro caso o filme está longe do esplendor de obras de Gregory LaCava, Hawks ou Wellman, o seu sucesso não deixou de ter influência na comédia americana dos anos 60, que usou e abusou de Hudson e Doris Day (e outros que os imitaram) e de um fabuloso lote de secundários que no caso presente são Tony Randall (em mais um dos seus típicos papéis de milionário enfasiado) e a genial Thelma Ritter (infelizmente não tão bem aproveitada aqui como noutros dos seus filmes), e também de uma linguagem feita de duplos sentidos e subentendidos (alguns bastante curiosos, centrados na figura de Rock Hudson, vistos hoje à distância), que desenvolvem, com verve e habilidade, uma crítica a alguns tabus da sociedade americana, que têm a ver com o sexo e a mulher.

A comédia **Pillow Talk** foi realizada por Michael Gordon, que depois continuaria com filmes mais ou menos semelhantes, tentando repetir o êxito, e marca o seu regresso após uma ausência de oito anos (a longa-metragem anterior do autor de **Cyrano de Bergerac**, com José Ferrer, datava de 1951 e era um muito interessante thriller «negro»: **The Secret of Convict Lake/O Segredo do Evadido**, com Glenn Ford), vítima da histeria anti-comunista do senador Joseph McCarthy, devido à sua antiga filiação em organizações esquerdistas. O regresso de Gordon às lides cinematográficas, coincide com a de outros «blacklisted», afastado que fora o pesadelo. **Pillow Talk** é, possivelmente, o melhor filme da sua carreira. Aliás, os que fez a seguir, pouco mais foram do que variações sobre o mesmo tema. Não o é apenas pelo seu

sucesso, mas também por algumas ideias de encenação bastante curiosas, e por um ritmo com conseguido dentro do estilo a que nos referimos e que o filme procura recuperar. Repare-se, principalmente, no uso hábil (e quase inovador em algumas das ideias) do «split-screen», o ecrã dividido para acompanhar em simultâneo as acções das personagens, a partir do toque do telefone. O ecrã divide-se em dois para nos mostrar Rock Hudson e Doris Day que, por um desses inconvenientes tão frequentes na época, tinham as linhas cruzadas, cada um impedindo o outro de falar quando ocupava o telefone. Os enquadramentos parecem corresponder ao estado de espírito e reacções dos dois, e conforme a evolução vai evoluindo, também a forma de os apresentar ao telefone muda. O momento mais significativo é o plano em que cada um deles está na (sua) banheira e os seus pés na parede parecem tocar-se.

Pillow Talk foi também um filme particularmente significativo na carreira dos seus principais intérpretes. Em especial para Doris Day. O período de ouro da atriz e cantora em Hollywood parecia ter chegado ao fim com o declínio do filme musical. O seu último trabalho neste género, **The Pajama Game** fora já uma tentativa de lhe recuperar uma imagem que abandonara desde 1954. As experiências dramáticas que fez (**Love Me Or Leave Me/Ama-me ou Esquece-me**, **The Man Who Knew Too Much/O Homem Que Sabia Demais** e **Julie**), revelaram algum talento mas reforçaram os seus limites de carreira nesse campo. **Pillow Talk** trouxe-lhe uma figura à sua medida, o da loura não tonta mas desembaraçada e romântica mesmo que algo ingénua, figura que se tornará um estereótipo (a partir de então não fez outra coisa senão explorar esta imagem) de tal forma que deu origem a um dito célebre de um comediante (George Burns ou Milton Berle, salvo erro): «Doris Day? Ah! Sim. Conheci-a bem, antes dela ser virgem».

Rock Hudson, no papel de um galante compositor, teve, com **Pillow Talk**, também uma sugestiva mudança de rumo na carreira. Com o fim da década terminava também o seu ciclo de sucessos com Douglas Sirk, que o transformara definitivamente em vedeta no filme **Magnificent Obsession/Sublime Expição**, em 1954. A imagem de Hudson identificava-se com os grandes melodramas de Sirk e outros, com os épicos (**A Farewell To Arms/O Adeus às Armas**, de Charles Vidor) e com os filmes de aventuras (**Twilight For the Gods/Crepúsculo no Oceano**, de Joseph Pevney). **Pillow Talk** revelou, inesperadamente, a sua faceta de comediante (aliás já aflorada por Sirk em 1952, em **Has Anybody Seen My Gal?/Viram a Minha Noiva?**). E um comediante talentoso no uso do olhar, e onde a sua forma de falar resulta mais funcional do que no drama. Hollywood soube habilmente explorar esta faceta até então desconhecida do actor que a partir de então alternou com frequência as comédias deste género com as habituais produções de aventuras, voltando a contracenar com Doris Day em mais dois filmes, **Lover Come Back/Pijama Para Dois** (1961) e **Send Me No Flowers/Não Me Mandem Flores** (1964). Mas quem melhor tiraria proveito desta nova imagem de Rock Hudson, foi Howard Hawks ao instilar-lhe um «toque» de Cary Grant em **Man's Favorite Sport?/O Desporto Favorito dos Homens** (1964).

Manuel Cintra Ferreira